

>> *Temática Especial 1*

Ensino na perspectiva do Desenho Universal para a Aprendizagem: um diálogo sobre acessibilidade curricular

Carla C. Marçal y Guthierrez¹

Juliana de Moraes Prata²

Resumo:

A construção de ambientes escolares inclusivos demanda práticas pedagógicas que reconheçam e respondam à diversidade presente nas salas de aula. Este artigo apresenta um relato de experiência desenvolvido nos anos iniciais do ensino fundamental, em uma escola pública do Rio de Janeiro, com foco na articulação entre bidocência, ensino colaborativo e os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA). O objetivo é analisar como a atuação conjunta entre professora regente e professora de educação especial contribui para a acessibilidade curricular e a participação de todos os estudantes. Metodologicamente, o estudo combina revisão sistemática da literatura sobre DUA, realizada na base SciELO, com relato de experiência e análise reflexiva das práticas pedagógicas. O DUA é evidenciado como um referencial que busca eliminar barreiras à aprendizagem por meio da oferta de múltiplos meios de engajamento, representação e expressão. A experiência descreve o planejamento e a execução de atividades de Ciências, como experimentos sobre fotossíntese e erosão do solo, estruturadas com estratégias acessíveis e diversificadas, favorecendo a participação ativa dos estudantes. Os resultados indicam que a bidocência, associada ao DUA, fortalece práticas inclusivas, ampliando as possibilidades de aprendizagem e engajamento de toda a turma.

Palavras-chave:

Acessibilidade curricular. Ensino. Desenho Universal para a Aprendizagem

Teaching from the perspective of Universal Design for Learning: a dialogue on curricular accessibility

Abstract:

The construction of inclusive school environments requires pedagogical practices that recognize and respond to the diversity present in classrooms. This article presents an experience report developed in the early years of elementary education in a public school in Rio de Janeiro, focusing on the

¹Doutora em Educação. Professora Adjunta da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, no curso de Licenciatura em Educação Especial. Coordenadora Institucional do PARFOR Equidade – UFRRJ/CAPES. Líder do Grupo de Pesquisa Educação Especial, Tecnologias e TEA - GPEETEA. E-mail: carlamarcal@ufrj.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7402-9365>.

²Doutora em Educação. Professora adjunta da UERJ no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira. Vice coordenadora do Grupo de Pesquisa Juventude, Escola, Trabalho e Território (JETT). E-mail: julianaprata.prof@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3216-3130>

articulation between co-teaching, collaborative teaching, and the principles of Universal Design for Learning (UDL). The objective is to analyze how the joint work of the classroom teacher and the special education teacher contributes to curricular accessibility and the participation of all students. Methodologically, the study combines a systematic literature review on UDL, conducted in the SciELO database, with an experience report and a reflective analysis of pedagogical practices. UDL is highlighted as a framework aimed at eliminating barriers to learning through the provision of multiple means of engagement, representation, and expression. The experience describes the planning and implementation of Science activities, such as experiments on photosynthesis and soil erosion, structured with accessible and diversified strategies that fostered students' active participation. The results indicate that co-teaching, associated with UDL, strengthens inclusive practices, expanding opportunities for learning and engagement for the entire class..

Keywords: Curricular accessibility. Teaching. Universal Design for Learning

Enseñanza desde la perspectiva del Diseño Universal para el Aprendizaje: un diálogo sobre accesibilidad curricular

Resumen:

La construcción de entornos escolares inclusivos requiere prácticas pedagógicas que reconozcan y respondan a la diversidad presente en las aulas. Este artículo presenta un relato de experiencia desarrollado en los primeros años de la educación primaria, en una escuela pública de Río de Janeiro, con enfoque en la articulación entre la co-docencia, la enseñanza colaborativa y los principios del Diseño Universal para el Aprendizaje (DUA). El objetivo es analizar cómo la actuación conjunta entre la docente titular y la docente de educación especial contribuye a la accesibilidad curricular y a la participación de todos los estudiantes. Metodológicamente, el estudio combina una revisión sistemática de la literatura sobre el DUA, realizada en la base SciELO, con un relato de experiencia y un análisis reflexivo de las prácticas pedagógicas. El DUA se destaca como un marco orientado a eliminar barreras para el aprendizaje mediante la oferta de múltiples medios de compromiso, representación y expresión. La experiencia describe la planificación y la implementación de actividades de Ciencias, como experimentos sobre la fotosíntesis y la erosión del suelo, estructuradas con estrategias accesibles y diversificadas que favorecieron la participación activa de los estudiantes. Los resultados indican que la co-docencia, asociada al DUA, fortalece las prácticas inclusivas, ampliando las posibilidades de aprendizaje y participación de todo el grupo.

Palabras clave: Accesibilidad curricular. Enseñanza. Diseño Universal para el Aprendizaje

1 Introdução

Neste texto, trazemos um relato de experiência sobre a prática docente de duas professoras na educação básica em uma escola pública na cidade do Rio de Janeiro. Numa perspectiva inclusiva, a instituição de ensino propõe o ensino colaborativo com a bidocência, uma proposta que garante a presença de dois professores em sala de aula (regente e especialista em Educação Especial) devido à presença de um estudante com deficiência. Nesta turma, havia um estudante com Transtorno do Espectro Autista – TEA, no 4º ano do ensino fundamental.

Pensar na inclusão dos estudantes com deficiência é sempre desafiador, pois não há um único modelo a seguir. Portanto, é necessário conhecer o estudante e suas potencialidades, para assim traçar os objetivos da aprendizagem e a diferenciação no ensino.

O diálogo perpassa por três conceitos importantes para contribuição no processo educacional inclusivo, sendo eles: o Ensino Colaborativo; a Acessibilidade Curricular e o Desenho Universal para a Aprendizagem - DUA.

O Ensino Colaborativo é um trabalho de parceria entre os professores, sobretudo em articulação com os professores especialistas em Educação Especial. Essa prática rompe com modelos segregadores ao propor a construção compartilhada do planejamento, da execução e da avaliação das atividades escolares, como destacam Viralunga e Mendes (2014). Nesse âmbito, Marçal-Guthierrez, Oliveira e Barreiros (2016) destacam a experiência da bidocência ou co-ensino, na qual dois profissionais dividem responsabilidades e constroem, de maneira integrada, estratégias pedagógicas que potencializam a aprendizagem e contribuem para o fortalecimento de uma cultura escolar inclusiva.

A Acessibilidade Curricular é a garantia que o estudante tem de acesso ao currículo sem barreiras que o impeçam de aprender e ser escolarizado. Esse conceito é previsto nas legislações. A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL) prevê, no Art. 59, que as instituições de ensino devem assegurar aos alunos currículo, métodos, recursos e estratégias pedagógicas para atender às necessidades específicas dos estudantes. Na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), bem como a Resolução CNE/CEB nº 04, de 2 de outubro de 2009 (BRASIL, 2009), e o Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011 (BRASIL, 2011), também orientam os sistemas educacionais a constituir propostas pedagógicas inclusivas, com oferta de serviços de apoio, e a adotar medidas de acessibilidade curricular. Já a Lei Brasileira de Inclusão n.º 13.146/2015, traz diferentes tipos de acessibilidade, como: arquitetônica, atitudinal, comunicacional, instrumental e metodológica no ensino, pesquisa e extensão.

O DUA tem sido utilizado por alguns teóricos como DUA por compreenderem que tal conceito traduz “[...] uma perspectiva epistemológica aplicada aos conceitos de ensino e aprendizagem” (PLETSCH; SOUZA; ORLEANS, 2017, p. 296). No entanto, optamos por utilizar o termo Desenho Universal para Aprendizagem após termos encontrado um volume considerado do termo na revisão sistemática de literatura.

O DUA como referencial pedagógico consiste na elaboração de estratégias que favoreçam a inclusão de todos. Dessa forma, inclui-se diferentes abordagens metodológicas e de recursos para ensinar um único conceito. Ele permite que o professor crie um ambiente onde todos podem participar de uma aula sem necessidade de adequações para participar.

Por entender a necessidade de aulas acessíveis na perspectiva do DUA, realizou-se uma revisão sistemática sobre a temática, a fim de fundamentar o nosso diálogo e as nossas ações docentes.

2 Revisão Sistemática sobre o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA)

A busca dos artigos que fundamentam esta revisão foi realizada na base SciELO, reconhecida pela relevância na área da Educação. Utilizou-se o descritor “Desenho Universal para a Aprendizagem”, resultando em 15 artigos, o que confirmou o uso consolidado do termo no campo de pesquisa. Aplicaram-se filtros referentes ao período de 2019 a 2025 e à

área de Ciências Humanas, obtendo-se 14 estudos — número que evidencia a produção recente e ainda incipiente sobre o tema.

O DUA é compreendido como um referencial pedagógico orientado à eliminação de barreiras e à oferta de múltiplos meios de engajamento, representação e expressão, em consonância com os princípios da educação inclusiva e da Agenda 2030. De modo geral, os artigos analisados reforçam que o DUA ultrapassa o atendimento individualizado, configurando-se como uma abordagem universal de acesso e permanência.

Os estudos foram organizados em dois grupos. O primeiro reúne produções conceituais que discutem fundamentos, diretrizes e potencialidades do DUA, destacando revisões sistemáticas e análises teóricas (COSTA-RENDERS, 2025, NÚÑEZ-SOTELO; CRUZ, 2022, SEBASTIÁN-HEREDERO, 2020, OLIVEIRA *et al*, 2019, GARCIA; LÓPES, 2019 e BOCK *et al*, 2018). O segundo abrange pesquisas aplicadas e experiências formativas que exploram sua implementação em diferentes contextos — educação básica, formação docente, EaD e ensino superior — evidenciando sua eficácia na ampliação da participação e na diversificação das práticas pedagógicas (CORRÊA TELES *et al*, 2025, SOUZA *et al*, 2025, VALLE; BORGES, 2024, VIEIRA DE MELO *et al*, 2023, BOCK *et al*, 2021, ZERBATO; MENDES, 2021, SANDOVAL *et al*, 2020 e ALZATE, 2018).

Em síntese, a revisão demonstra que o campo de pesquisa sobre o DUA está em processo de consolidação, com avanços teóricos significativos e aplicações ainda pontuais. Persiste a necessidade de ampliar estudos empíricos, fortalecer a formação docente e integrar como um referencial pedagógico de modo sistemático às políticas públicas de educação. Nesse sentido, o presente trabalho avança ao apresentar um relato de experiência nos anos iniciais do ensino fundamental, evidenciando a aplicabilidade do DUA em práticas pedagógicas colaborativas e inclusivas.

3 Fundamentação teórico-metodológica da experiência pedagógica

A perspectiva teórico-metodológica que orienta este trabalho articula três eixos centrais: o ensino colaborativo, a acessibilidade curricular e os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA). O ensino colaborativo se constitui como uma estratégia organizacional e pedagógica que favorece a construção coletiva do planejamento, da intervenção didática e da avaliação, ampliando as possibilidades de mediação pedagógica no cotidiano da sala de aula (VIRALONGA; MENDES, 2014).

No contexto da bidocência, a atuação conjunta entre professora regente e professora de educação especial possibilita a elaboração de estratégias didáticas mais diversificadas e sensíveis às diferentes formas de aprender presentes no grupo. Marçal-Guthierrez, Oliveira e Barreiros (2016) destacam que o coensino contribui para romper com práticas pedagógicas centradas em adaptações individualizadas e tardias, favorecendo a construção de propostas que considerem, desde o planejamento, a heterogeneidade dos estudantes.

Assim, a acessibilidade curricular constitui um princípio estruturante das práticas pedagógicas inclusivas. Conforme previsto na legislação educacional brasileira, garantir acessibilidade curricular implica assegurar condições para que todos os estudantes tenham acesso ao conhecimento escolar por meio de diferentes recursos, estratégias e formas de mediação pedagógica (BRASIL, 1996; 2009; 2015).

É nesse ponto que o Desenho Universal para a Aprendizagem se apresenta como um referencial pedagógico potente para a organização do trabalho docente. O DUA propõe que o

planejamento das aulas considere múltiplos meios de engajamento, representação e expressão, oferecendo diferentes formas de acesso aos conteúdos e de demonstração da aprendizagem (SEBASTIÁN-HEREDERO, 2020; ZERBATO; MENDES, 2021).

Do ponto de vista metodológico, este artigo se caracteriza como um relato de experiência fundamentado em revisão de literatura sobre o DUA e na análise reflexiva de práticas pedagógicas desenvolvidas no contexto da bidocência nos anos iniciais do ensino fundamental. Nesse sentido, a descrição das atividades desenvolvidas e das estratégias adotadas busca evidenciar como os princípios do DUA podem ser mobilizados na organização de experiências pedagógicas que favoreçam a participação, o engajamento e a aprendizagem de todos os estudantes.

4 Aulas no Ensino Fundamental - anos iniciais - na perspectiva do DUA

O ano era dois mil e dezoito. Nele, muitas novidades e desafios. Uma nova turma de estudantes. Parte de um grupo estava junto desde o primeiro ano do ensino fundamental. Neste grupo, havia um estudante com Transtorno do Espectro Autista - TEA³ de 9 anos de idade e em consolidação de sua alfabetização. No primeiro dia do ano letivo, esperado com entusiasmo pelas professoras, foi marcado por muita frustração. Sim, essa é a palavra daquele momento. O estudante com TEA não reconhecia sua turma antiga, sua sala e suas professoras e a recusa em fazer parte desse novo grupo ficou nítida. João, nome fictício, ficou no corredor, recusando-se a entrar em sala de aula. Por ali, ficou por algumas semanas.

Na parceria da bidocência na perspectiva do ensino colaborativo, as professoras conversavam e tentavam com que João estivesse na turma. Foram dias difíceis e colocando à prova toda teoria e prática voltada para o ensino-aprendizagem, sobretudo do estudante público da Educação Especial.

Em um dia comum, a professora regente decidiu iniciar a aula com uma roda onde todos sentaram-se ao chão. Quando João chegou e viu todos os amigos sentados na roda, decidiu entrar e permaneceu durante toda a atividade. A partir daquele dia, todas as aulas iniciavam com rodas. A fim de contribuir para participação, aprendizagem e protagonismo do estudante, as professoras decidiram que todos os experimentos de ciências seriam realizados naquele momento.

Foram aulas diferenciadas e com diversos recursos para fundamentar os conceitos trabalhados na turma. No quarto ano desta instituição, o plano de curso propõe trabalhar o conceito de plantas, assim como suas funções e diferenças. As professoras começaram a planejar como ensinariam sobre: fotossíntese, erosão do solo, dentre outros conceitos, para um estudante que precisava concretizar o processo de aprendizagem. E assim iniciaram suas aulas.

Figura 1. Preparação para o experimento⁴

³ O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento que se caracteriza por déficits persistentes na comunicação social e na interação social em vários contextos, e por padrões restritos e repetitivos, de comportamento, interesses e atividades, tendo as características comportamentais inicialmente evidentes na primeira infância (Associação Americana de Psiquiatria [APA], 2022).

⁴ Descrição da imagem: A imagem mostra uma sala de aula com crianças e duas professoras sentadas em círculo no chão. As crianças têm corações vermelhos sobre seus rostos, cobrindo suas identidades. As professoras interagem com as crianças, que estão sentadas em círculo no chão. A sala de aula tem



Fonte: Acervo das professoras

Na figura 1, era o início das rodas em sala de aula. O estudante com TEA ainda não se sentava no chão e gostava de ficar próximo às professoras. Estava atento e inserido no grupo, compreendendo o que era ensinado.

Figura 2: Experimento sobre Erosão do Solo - Parte I⁵



Fonte: Acervo das professoras

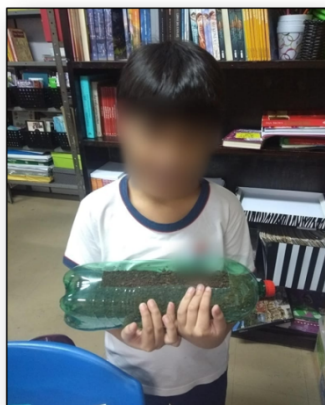
Na figura 2, o conceito trabalhado foi a erosão do solo. Nesta imagem, o estudante com TEA participa ativamente do experimento e no momento simulava uma chuva. Todos estavam atentos e cada um tinha a oportunidade de ser protagonista. Uns manuseando os objetos, uns observando, outros registrando e outros relatando o que acontecia.

Figura 3: Experimento sobre Erosão do Solo - Parte II⁶

mesas e cadeiras azuis, e há um quadro branco em uma das paredes. Há também mochilas e outros materiais escolares espalhados pela sala.

⁵ Descrição da imagem: Estudantes sentados no chão e outros em pé. No centro da imagem, um adolescente de camiseta branca e bermuda escura está se inclinando sobre a mesa, enchendo uma garrafa plástica de água. Ao seu redor, todos observam.

⁶ Descrição da imagem: Estudante com o rosto desfocado, está em uma sala com estantes de livros ao fundo. Ela segura um projeto de ciências feito com uma garrafa PET cortada horizontalmente e preenchida com terra.



Fonte: Acervo das professoras

Na figura 3, o estudante exibe seu experimento em uma PET (garrafa plástica) com areia sem semente, após a simulação da chuva. A areia encontra-se molhada e ao longo dos dias foi possível verificar o solo desgastando-se com a exposição do sol e da água. Além desse recipiente, havia um outro com semente, que ao longo do tempo, germinou e foi possível observar a diferença entre os solos. Muitos conceitos foram trabalhados a partir do experimento e ainda dialogamos sobre a construção de casas em lugares impróprios para a moradia.

5 Contribuição do DUA para uma aprendizagem significativa

Ao longo do ano letivo, nossas aulas foram planejadas para que todos participassem e fossem escolarizados. Nosso objetivo foi alcançado com a proposta de aulas na perspectiva do DUA. Vale ressaltar, que nem todos os dias eram felizes e satisfatórios. Por alguns momentos, nosso planejamento não se concretizou devido à dinâmica de uma escola e às particularidades dos estudantes. Entendemos que colaborar para uma aprendizagem significativa é necessário, por isso o início das aulas era marcado a partir de um conhecimento prévio. E ainda, tudo foi oferecido a partir de uma demanda social, cognitiva e acadêmica.

Figura 4: Aprendizagem significativa⁷



Fonte: Acervo das professoras

Na figura 4, estávamos em uma expedição na Floresta da Tijuca. O objetivo maior com o João era a consolidação da alfabetização e para isso, mostramos a função social da leitura. Além da leitura de placas de sinalização, outra proposta foi a utilização do WhatsApp para a leitura e escrita, pois era um interesse dele e com isso, atingimos o nosso objetivo.

⁷ Descrição da imagem: Professora faz a mediação para a leitura de placas para o seu estudante na Floresta da Tijuca.

Figura 5: Projeto Botânica⁸



Fonte: Acervo das professoras

A figura 5 evidencia a apresentação do “*Projeto Botânica*” para os responsáveis. Foi um momento significativo que todos tiveram a oportunidade de compartilhar todo o conhecimento aprendido ao longo do período letivo. Todos, sem exceção, puderam compartilhar seus experimentos, narrativas e registros sobre botânica. Esse projeto teve a iniciativa de duas estudantes de Ciências biológicas que faziam parte de um projeto de estágio complementar coordenado pela primeira autora.

Essas estratégias dialogam diretamente com a rede de engajamento proposta pelo DUA, ao ampliar as formas de participação dos estudantes e mobilizar diferentes interesses e formas de interação com o conhecimento. Por mais que no início toda a rotina de sala de aula tenha sido modificada para atender a demanda de um estudante, todos foram beneficiados. E ainda, houve uma reflexão por parte das professoras em relação às práticas pedagógicas e o quanto era preciso oferecer caminhos que levassem o estudante à aprendizagem.

6 Conclusão

A experiência apresentada evidencia a importância de planejar aulas acessíveis que contemplem a diversidade presente no contexto escolar. A prática da bidocência, articulada aos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), mostrou-se como um referencial pedagógico potente para eliminar barreiras e promover a participação ativa de todos os estudantes. Ao integrar diferentes recursos, metodologias e formas de engajamento, o DUA favorece a aprendizagem significativa e contribui para a consolidação de uma cultura escolar inclusiva. Constata-se que a atuação colaborativa entre professores, aliada a uma perspectiva de ensino fundamentada na equidade, fortalece a acessibilidade curricular e amplia as possibilidades de desenvolvimento dos estudantes, público da Educação Especial e dos demais.

Portanto, conclui-se que a bidocência, orientada pelos princípios do DUA, constitui uma prática transformadora que não apenas assegura o direito à educação inclusiva, mas também contribui para a construção de espaços educativos mais justos, participativos e sensíveis às singularidades de cada estudante.

⁸ Descrição da imagem: Um grupo de estudantes estão em pé e apresenta seus trabalhos para os responsáveis com a mediação pedagógica da professora. Atrás dos estudantes, há um quadro com os trabalhos expostos.

Como limitação, destaca-se que o estudo se baseia em um único contexto escolar e em uma experiência situada, o que não permite generalizações. No entanto, os resultados oferecem pistas relevantes para compreender o potencial do DUA na organização de práticas pedagógicas inclusivas nos anos iniciais.

Por fim, os resultados deste estudo reforçam a relevância do Desenho Universal para a Aprendizagem como referencial pedagógico capaz de orientar práticas inclusivas no cotidiano escolar, especialmente quando articulado a estratégias de ensino colaborativo e à organização do trabalho docente em regime de bidocência. Nesse sentido, o estudo contribui para o campo da educação inclusiva ao apresentar evidências empíricas de como o DUA pode ser mobilizado na educação básica, indicando a necessidade de ampliar a formação docente e de aprofundar pesquisas que investiguem a implementação desse referencial em diferentes contextos educacionais.

Referências

ALZATE, José Ignacio Correa. A avaliação da aprendizagem no contexto da justiça educativa para população com deficiência na educação superior. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 24, n. 1, p. 89–102, jan. 2018. <https://doi.org/10.1590/s1413-65382418000100008>

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2022.

BOCK, Geisa Letícia Kempfer; GESSER, Marivete; NUERNBERG, Adriano Henrique. Desenho Universal para a Aprendizagem: a produção científica no período de 2011 a 2016. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 24, n. 1, p. 143–160, jan. 2018. <https://doi.org/10.1590/s1413-65382418000100011>

BOCK, Geisa Letícia Kempfer; GESSER, Marivete; NUERNBERG, Adriano Henrique. Contribuições do Desenho Universal para Aprendizagem à educação a distância. *Educação & Realidade*, v. 46, n. 4, p. e95398, 2021. <https://doi.org/10.1590/2175-623695398>

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, [1996]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 13 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf> Acesso em: 14 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 04, de 2 de outubro de 2009. Institui as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica - Modalidade Educação Especial. Brasília: MEC, 2009.

BRASIL. Decreto nº 6.711, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, [2011]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm. Acesso em: 14 out 2025.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília: Presidência da República, [2015]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 14 out 2025.

CORRÊA TELLES, Priscila Moreira; RIOS, Gabriela Alias; QUEIROZ, Fernanda Matrigani Mercado Gutierrez de. Desenho Universal para Aprendizagem: considerações sobre um curso de formação de professores. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 31, p. e0247, 2025. <https://doi.org/10.1590/1980-54702025v31e0247>

COSTA-RENDERS, Eliana Cristina. Desenho universal para aprendizagem como suporte à prática de ensino que envolve a educação especial na perspectiva inclusiva: uma revisão integrativa. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 31, p. e0018, 2025. <https://doi.org/10.1590/1980-54702025v31e0018>

GARCIA, Rosalba. Maria. Cardoso.; LÓPEZ, Verónica. Políticas de educação especial no Chile (2005–2015): continuidades e mudanças. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 25, n. 1, p. 1–16, jan. 2019. <https://doi.org/10.1590/s1413-6538251900010000>

MARÇAL Y GUTHIERREZ, Carla Cordeiro; OLIVEIRA, Crizan; BARREIROS, Claudia. Inclusão, bidocência, ensino colaborativo: quem ganha com isso?. In: **Anais do 7º Congresso Brasileiro de Educação ESPECIAL**, 2016, São Carlos. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2016. Disponível em: Inclusão, bidocência, ensino colaborativo: quem ganha com isso? | Galoá Proceedings Acesso em: 10 out. 2025.

NÚÑEZ-SOTELO, Eduardo.; CRUZ, Maria. Luísa. Contribuciones del diseño universal para el aprendizaje a la implementación de un currículo accesible para estudiantes con y sin discapacidad intelectual. *Revista Brasileira de Educação*, v. 27, p. e270126, 2022. <https://doi.org/10.1590/s1413-24782022270126>

OLIVEIRA, Ana Rita de Paula; MUNSTER, Mey de Abreu van; GONÇALVES, Adriana Garcia. Desenho Universal para Aprendizagem e educação inclusiva: uma revisão sistemática da literatura internacional. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 25, n. 4, p. 675–690, out. 2019. <https://doi.org/10.1590/s1413-65382519000400009>

PLETSCH, Márcia Denise; SOUZA, Flávia Faissal de; ORLEANS, Liana França de. A diferenciação curricular e o desenho universal na aprendizagem como princípios para a inclusão escolar. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, v. 14, n. 35, p. 264–281, 2017. DOI: 10.5935/2238-1279.20170014. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/viewArticle/3114>. Acesso em: 14 out. 2025.

SANDOVAL, Marta. et al. Student and faculty perspectives of inclusive teaching practices in teacher training degree programs. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 26, n. 4, p. 551–554, out. 2020. <https://doi.org/10.1590/1980-54702020v26e0059>

SEBASTIÁN-HEREDERO, Enrique. Diretrizes para o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA). *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 26, n. 4, p. 733–768, out. 2020. <https://doi.org/10.1590/1980-54702020v26e0155>

SOUZA, Eduarda. Vieira. De Souza et al. Análise da elaboração de recursos didáticos voltados ao ensino de química e à educação inclusiva com base nos princípios do Desenho

Universal para a Aprendizagem (DUA). Revista Brasileira de Educação Especial, v. 31, p. e0244, 2025. <https://doi.org/10.1590/1980-54702025v31e0244>

VALLE, Janice; BORGES, Ana Augusta Pacheco. Entrevista com a professora Jan Valle: estudos da deficiência na educação. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 30, p. e0153, 2024. <https://doi.org/10.1590/1980-54702024v30e0153>

VIEIRA DE MELO, Bruno Bastos ; SILVEIRA-MAIA, Mônica; RIBEIRO, Sandra Barbosa. Full financial education programmes for people with disabilities: a scoping review. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 29, p. e0222, 2023. <https://doi.org/10.1590/1980-54702023v29e0222>

VIRALONGA, Carla Ariela Rios; MENDES, Enicéia Gonçalves. Ensino colaborativo para apoio à inclusão escolar: práticas colaborativas entre os professores. *Rev. bras. Estud. pedagog.* (online), Brasília, v. 95, n. 239, p. 139-151, jan./abr. 2014. Acesso em: 01 de setembro de 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/dBz3F9PJFfswJXFzn3NNxTC/?format=pdf&lang=pt>

ZERBATO, Ana Paula; MENDES, Enicéia Gonçalves. O desenho universal para a aprendizagem na formação de professores: da investigação às práticas inclusivas. Educação e Pesquisa, v. 47, p. e233730, 2021. <https://doi.org/10.1590/s1678-4634202147233730>

Contribuições da autoria

Carla C. Marçal y Guthierrez: Fundamentação teórica, Justificativa, redação.

Juliana de Moraes Prata: Organização, Metodologia, redação.

Data de submissão: 28/10/2025

Data de aceite: 09/03/2026